

## O BRILHO DO AMOR

Autor Desconhecido

Os passageiros do ônibus observaram com simpatia enquanto a jovem atraente, com a bengala branca, subia cuidadosamente os degraus. Ela ... pagou ao motorista e, usando as mãos para sentir onde estavam os bancos, andou pelo corredor e encontrou o assento que ele lhe indicara, o qual estava vago. A seguir, sentou-se, colocou a pasta no colo e encostou a bengala na perna.

Há um ano, Susan, trinta e quatro anos, ficara cega. Devido a um erro médico, ela perdera a visão e, repentinamente, fora atirada em um mundo de sombras, ira, frustração e autocomiseração. Antes, Susan era uma mulher absolutamente independente e, agora, ela sentia-se condenada, por esse terrível golpe do destino, a tornar-se um fardo penoso para todos a seu redor.

- Como isso pôde acontecer comigo? - clamava ela, com o coração apertado de raiva.

Não importava quanto chorasse, reclamasse ou orasse, ela sabia a verdade cruel - sua visão não voltaria mais. Urna nuvem de depressão pendia sobre o espírito, antes otimista, de Susan. Atravessar o dia, agora, era um exercício de frustração e exaustão. E tudo que tinha para consolá-la era seu marido Mark.

Mark, oficial da força aérea, amava Susan de todo o coração. Quando ela ficou cega, ele a viu mergulhar no desespero e decidiu ajudar a esposa a ganhar a força e confiança necessárias para tornar-se outra vez independente. O passado militar de Mark o treinara bem para lidar com situações delicadas. Sabia, entretanto, que aquela seria a batalha mais difícil que teria de enfrentar.

Susan sentiu-se finalmente pronta para voltar ao trabalho. No entanto, como ir até lá? Ela costumava tomar o ônibus; agora, porém, tinha muito medo de atravessar a cidade sozinha. Mark ofereceu-se para levá-la ao emprego todos os dias, embora trabalhassem em lados opostos da cidade. No início, isso confortou Susan e satisfiz a necessidade de Mark de proteger a esposa cega, que se sentia muito insegura, até mesmo para desempenhar a menor tarefa. No entanto, em pouco tempo, Mark percebeu que o arranjo não estava funcionando — era caótico e dispendioso. Susan teria, novamente, de pegar o ônibus, admitiu ele para si mesmo. Só a ideia de mencionar isso a ela, já fazia com que ele se encolhesse. Susan continuava tão frágil, tão irada! Como reagiria?

Como Mark previra, Susan ficou apavorada ao pensar em entrar novamente em um ônibus.

— Sou cega! — respondeu amargamente. — Como vou saber onde estou? Sinto que você está me abandonando. O coração de Mark confrangeu-se ao ouvir essas palavras, mas ele sabia o que tinha de ser feito. Prometeu a Susan que toda manhã e tarde a acompanharia ao ônibus, pelo tempo que

fosse necessário até que ela se sentisse segura. E foi exatamente isso o que aconteceu.

Durante duas semanas inteiras, Mark, com seu uniforme militar, acompanhou Susan na ida e na volta do trabalho, todos os dias. Ele ensinou a esposa a confiar em seus outros sentidos, especificamente a audição, a fim de determinar onde se achava e como adaptar-se a seu novo ambiente. Fazer amizade com o motorista do ônibus, ajudou-a, pois ele poderia ficar a sua espera e reservar-lhe um lugar. Isso fez com que ela risse, mesmo naqueles dias não tão bons, em que tropeçava ao sair do ônibus ou deixava cair a pasta.

Eles iam juntos pela manhã, e, após deixá-la, Mark tomava um táxi para seu escritório. Embora essa rotina fosse ainda mais cansativa do que a anterior, Mark sabia que era apenas uma questão de tempo até que Susan pudesse viajar sozinha de ônibus. Confiava nela, na Susan que conhecera antes de perder a visão, que não temia desafio algum e que nunca desistia.

Por fim, Susan decidiu que estava preparada para tentar sair sozinha. Chegou a manhã de segunda-feira e, antes de ir embora, abraçou Mark, seu companheiro temporário de viagem, seu marido e melhor amigo.

Os olhos de Susan encheram-se de lágrimas de gratidão pela lealdade, paciência e amor dele. Depois, despediu-se e, pela primeira vez, seguiram caminhos separados. Segunda, terça, quarta, quinta-feira... Cada dia foi perfeito, e Susan nunca se sentira melhor. Conseguiu! Estava indo para o trabalho por conta própria!

Na manhã de sexta-feira, Susan tomou o ônibus para o trabalho como de costume. Quando estava pagando a passagem para sair do ônibus, o motorista disse: — Nossa! Como invejo você!

Susan não tinha certeza se ele estava falando com ela, ou não. Afinal de contas, quem invejaria uma mulher cega que se esforçara tanto para encontrar coragem para sobreviver neste ano que passara? Curiosa, perguntou ao motorista:

— Por que está dizendo que me inveja?

O homem respondeu:

— Deve ser tão bom ser cuidada e protegida como você. Susan não tinha idéia do que ele estava falando e, outra vez, perguntou:

— O que você quer dizer? O motorista respondeu:

— Todas as manhãs, a semana inteira, um cavalheiro distinto, com uniforme militar, fica na esquina, observando você quando desce do ônibus. Ele verifica se atravessa direito a rua e vigia até que entre no prédio de seu escritório. Depois sopra um beijo, faz uma saudação e vai embora. Você é mesmo uma mulher de sorte.

Lágrimas de felicidade correram pelas faces de Susan, pois, embora, não pudesse vê-lo, ela sempre sentira a presença de Mark. Era afortunada, muito afortunada. Ele dera-lhe um presente mais poderoso do que a visão, um dom que não necessitava ver para crer — o dom do amor, que ilumina onde antes só havia escuridão.